

NAS GRANDES E PEQUENAS FOLHAS:
ÁLVARES DE AZEVEDO NA IMPRENSA LUSA
OITOCENTISTA

ON THE MAINSTREAM AND INDEPENDENT
PERIODICALS:
ÁLVARES DE AZEVEDO ON THE 1800S LUSITANIAN
PRESS

Natália Gonçalves de Souza Santos

Professora na Universidade Estadual
do Piauí (UESPI), campus Floriano.

Resumo: este artigo discute a recepção do escritor brasileiro Álvares de Azevedo na imprensa acadêmica de Coimbra. No intuito de melhor compreender as possíveis especificidades dos periódicos estudantis, o texto retoma, inicialmente, a perspectiva geral assumida pela imprensa lusa em relação à nascente literatura brasileira e alguns exemplos da abordagem conferida ao autor na grande imprensa, em especial, os escritos de Lopes de Mendonça. É à luz desse percurso que se discute como a poesia alvaresiana foi interpretada pelos acadêmicos coimbrenses.

Palavras-chave: Romantismos, imprensa acadêmica, nacionalismo literário, Byronismo.

Abstract: this article discusses the reception of the Brazilian writer Álvares de Azevedo in the academic press of Coimbra. For the purpose of better understanding the possible specificities of the student periodicals, the text retrieves, initially, the general perspective endorsed by the Portuguese press regarding the nascent Brazilian literature and some examples of the approach addressed to the author in the mainstream press, mainly, Lopes de Mendonça's writings. It is in compliance with this route that the article discusses how the Azevedo's poetry was interpreted by the university students.

Keywords: Romanticism, academic press, literary nationalism, Byronism.

1. Introdução

As relações entre o escritor romântico Álvares de Azevedo (1831-1852) e o meio estudantil já foram objetos de análise de mais de um pesquisador de nossa literatura. De fato, essa aproximação é bastante pertinente quando se leva em conta que parte significativa de sua obra foi produzida enquanto ele frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, entre 1848 e 1851. Além disso, sabe-se que a mesma é entrecortada por alusões à condição estudantil, sendo, talvez, as mais proeminentes as contidas no poema “Ideias Íntimas” e na peça *Macário*. Não é, então, sem razão que Gilberto Freyre ressaltou a popularidade de Azevedo entre os estudantes, para os quais o autor da *Lira dos vinte anos* seria um verdadeiro São Luís Gonzaga, ao qual seriam consagradas muitas devoções literárias (apud CAMILO, 2011, p. 78).

Considerando essas evidências, parece-me interessante expandir o horizonte, enfocando o possível apelo da figura alvaresiana entre os acadêmicos da Universidade de Coimbra, uma instituição que guarda diversos pontos de contato com a intelectualidade brasileira oitocentista, inclusive o fato de ter servido de molde à criação dos cursos jurídicos no Brasil. Parto da imprensa estudantil, suporte conveniente à aferição das discussões do dia no seio da Universidade e, sobretudo, daquela desenvolvida a partir de 1853, ano em que veio a lume a primeira edição da obra de

Azevedo, até o ano de 1875, apontado por Tengarrinha (1989, p. 293) como marco de encerramento do que ele chama de imprensa romântica.

A fim de melhor discernir as possíveis particularidades da leitura feita pelos jovens acadêmicos, pareceu-me necessário retomar a perspectiva geral assumida pela imprensa lusa ao discutir a nascente literatura brasileira. Em seguida, discutirei a abordagem do jornalista português António Pedro Lopes de Mendonça à obra de AA,¹ uma vez que ele pode ser tomado como interligação entre a grande imprensa portuguesa da qual fez parte, contribuindo em publicações como *Arquivo Pitoresco* e *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*, e o meio coimbrão, na condição de egresso dessa academia e interlocutor do grupo d'*O trovador*. É à luz desse percurso que discutirei, na última parte deste artigo, a presença do autor brasileiro em três publicações estudantis, são elas *O Átilla* (1863-1864), *Revista de Coimbra* (1865-1866) e *Mosaico* (1874-1875).

2. A crítica oficial

A questão da nacionalização da literatura é problema incontornável nas páginas periódicas da grande imprensa do século XIX, e não apenas no Brasil, país que conquistara sua autonomia política no início

1 A partir daqui, vou me referir ao nome Álvares de Azevedo de forma abreviada.

do oitocentos. Não cabe aqui retomar em pormenores as bem conhecidas colocações de autores como Ferdinand Denis (1826), Almeida Garrett (1826) e Alexandre Herculano (1847/48) no que tange à assunção da cor local como diretiva básica à construção da originalidade literária no Novo Mundo. Basta pontuar sua autoridade, a recorrência dessas opiniões, que vieram a constituir aqui um discurso hegemônico, e a sua presença na grande imprensa, caso do último exemplo. Como se sabe, foi na *Revista Universal Lisbonense* que Herculano saudou o jovem autor dos *Primeiros Cantos*, destacando, justamente, versos dos poemas “Canto do guerreiro” e “Morro do alecrim”. Para Moreira, “a escolha é coerente, pois os poemas selecionados recaem sobre o elemento americano, que carrega a seiva renovada ou o sangue novo de que reclama Herculano” (2013, p. 76).

A tonalidade americanista que emerge desses apontamentos pode ser encontrada, numa outra chave, n’*O Panorama*, revista que ocupava, ao lado da *Universal Lisbonense*, posto dos mais relevantes na imprensa romântica de Portugal. Em suas páginas, se não figuravam, como destaca Ribeiro, exemplos dos avanços da literatura brasileira, persevera o exotismo relacionado a tudo que toca ao Brasil, evocado, em geral, por suas flores, frutos e índios. De acordo com a estudiosa, se essa publicação se prestava a difundir os conhecimentos úteis entre os portugueses, torna-se conseqüente pensar “que o Brasil precisava

de ainda mais luzes que Portugal, pois era ainda uma promessa, um povo ‘de futuro e esperanças’. Portanto, “o facto de não aparecerem poetas e escritores brasileiros nas páginas de *O Panorama*, em toda a sua existência, parecia natural” (RIBEIRO, 2011, p. 210).

Se se pode dizer que determinados escritores portugueses se colocavam, de certa forma, como possíveis mentores na continuidade de nossa formação literária, nem sempre essa relação de suposta orientação transcorreu de forma pacífica. Sabe-se que ela era bastante delicada, ficando os atritos em potencial mais evidentes no que concerne ao uso do português, fator que suscitou uma série de polêmicas. Dentre elas, aludo às que envolveram José de Alencar e o seu projeto de nacionalização da língua literária, valendo-lhe “a pecha de escritor incorreto e descuidado” (ALENCAR, 1951, p. 190). Do outro lado do Atlântico, o seu oponente era Pinheiro Chagas, que apontou as “plantas parasitas” que conspurcavam a “formosa árvore” *Iracema* (1866, p. 198).

Cria-se, então, um impasse, pois conforme os escritores brasileiros avançam no seu intuito de fundação de uma literatura própria, passando da autonomia em relação aos assuntos retratados à busca de uma expressão autônoma, o estímulo português diminui, vendo nesse processo uma deformação da língua, ou, por outro lado, a ruptura definitiva da tutela. Nesse sentido, prezam pela manutenção da homogeneidade do idioma dos dois lados do Atlântico. Esse embate,

que permaneceu durante boa parte do século sem de fato resolver-se, é o segundo dos dois pontos incontornáveis que perpassam a crítica romântica lusa *oficial* ao se debruçar sobre nossa literatura, os quais procurei brevemente recapitular: a cor local e o uso da língua portuguesa.

3. Nas grandes folhas: António Pedro Lopes de Mendonça

Outra questão que quase sempre vem à baila quando se trata de literatura brasileira no Portugal romântico é sua efetiva circulação. Antero de Quental, por exemplo, afirma que nada se conhece das letras brasileiras em seu país. Para ele, esse quadro é devido tanto às deformações impingidas pelos brasileiros ao seu idioma pátrio, que afastariam o leitor luso, quanto à precária difusão de livros brasileiros no território. Tanto é que, a fim de organizar a antologia *Tesouro poético da infância*, em 1883, e garantir um lugar “fraternal aos poetas brasileiros” (ANTERO apud MOREIRA, 2004, p. 24), pede a um amigo que lhe remeta livros de Castro Alves e AA, a fim de lhe franquear o difícil acesso a essas obras.

A passagem chama atenção tendo em vista que, a essa altura, Portugal já contava com os serviços do livreiro Ernesto Chardron que, se não foi o primeiro a realizar o comércio de livros da ex-colônia na metrópole, implementou-o de uma forma mais sistemática

e ampla, tratando a edição de obras brasileiras como algo à parte (PALMA, s/d, p. 10). Pelo menos desde 1874, segundo anuncia Camilo Castelo Branco no periódico *Noites de insônia...*, “o mercado de livros brasileiros [...] abriu-se em Portugal”, a partir da confecção de um catálogo no qual se podia ver, entre outros, “o lírico e arrojado Álvares de Azevedo” (CAMILO, 1874, p. 50). Como se pode ver, não há um consenso nas fontes oitocentistas sobre a efetiva circulação da literatura brasileira e mesmo o conhecimento/interesse acerca de nossos autores. Sabe-se que os principais expoentes eram conhecidos, caso de AA, mas a sua regularidade permanece questionável, situação que poderia comprometer a inserção da produção alvaresiana no meio acadêmico coimbrão.

França diz que, “independentemente de ter sido pouco reproduzida em periódicos, [a poesia alvaresiana] chegou ao conhecimento dos principais críticos do cenário português que, por sua vez, reconheceram seu lugar de destaque na literatura brasileira” (FRANÇA, 2014, p. 110). E uma das evidências das quais o autor se vale para corroborar essa afirmação é a presença dos versos de Azevedo em coletâneas importantes do período, caso do *Parnaso português moderno*, elaborada por Teófilo Braga, em 1877, e do *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*, organizada por Camilo, em 1879.

É curioso observar que, considerando brasileiros e portugueses, Azevedo é o poeta que conta com

maior número de poemas publicados nessas coletâneas, sendo igualado, na de Camilo, e superado, na de Teófilo, apenas pelo número de poemas de autoria de Garrett. Embora a data de publicação dessas obras exceda o limite temporal contemplado por este trabalho, é interessante mencionar os poemas que são aí recolhidos porque eles delineiam — ou, talvez, recolham de tudo que já foi publicado até ali — um perfil poético para o autor paulista, condensado num tom elegíaco. Para se ter uma ideia, os seis poemas selecionados por Braga ou são da primeira parte da *Lira...*, ou dialogam com ela. São eles: “Sonhando”, “Soneto Pálida à luz da lâmpada sombria”, “Lembrança de morrer”, “No dia do enterro de ***” (Ao meu amigo J. F. Moreira no dia do enterro de seu irmão), “Trindade” e “Se eu morresse amanhã”. A exposição desse pequeno *corpus* é uma das maneiras de se observar se os acadêmicos coimbrenses vislumbraram ou não outros aspectos da poesia alvaresiana.

Para além da presença nessas coletâneas, acrescento o fato de que o autor ganhou um verbete no *Dicionário Bibliográfico Português* (1860), organizado por Inocêncio Francisco da Silva, que descreve o conteúdo das primeiras edições das obras de AA, anunciando o seu esgotamento e a preparação de

uma nova edição,² e a recepção crítica que ele já tinha angariado em Portugal até aquele ano (SILVA, 1860, pp. 357 e 358). Silva aponta, sobretudo, a contribuição dada pelo jornalista Lopes de Mendonça. Este teria se ocupado da obra do poeta brasileiro em duas ocasiões: nas *Memórias de Literatura Contemporânea* (1855) e no semanário ilustrado *Arquivo Pitoresco* (1858).

Cumprir ajuntar a essas contribuições aquela que aparece no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro para 1856* (p. 297 e 298), no qual é também estampada a poesia “Sonhando”, da primeira parte da *Lira...* (1856, pp. 274 a 276). Dessa forma, se talvez se possa dizer que Azevedo apareceu pouco na imprensa do período, ele certamente figurou em lugares estratégicos que lhe garantiram alguma notoriedade. Embora a nota biográfica alocada no *Almanaque...* seja apenas um extrato do que diz nas *Memórias...*, ela certamente expande a popularidade de Azevedo em Portugal.³ É até possível inferir que a poesia “Sonhando” torna-se de alguma forma canônica a partir daí, tendo em vista

2 A *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* também anuncia essa segunda edição por meio da seção *Correspondência do Brasil*, remetida do RJ por Francisco Xavier de Novaes. Em 07/09/1861, o correspondente dá notícia do êxito da nova edição e escolhe, ao acaso, a poesia “Quando a noite no leito perfumado”, primeira parte da *Lira...*, para ilustrar o talento do jovem escritor falecido (NOVAES, 1861, p. 321 e 322).

3 Chagas informa que as tiragens do *Almanaque...* “acrescidas por vezes de reedições, chegaram a exceder os quinze mil exemplares, como se pode ler na folha de rosto do volume para 1854, que indica a publicação de dezesseis mil exemplares” (CHAVES, 2015, p. 102).

que, menos de cinco anos depois, a mesma é alvo de uma paródia homoerótica, identificada por Curopos (2018, p. 145) no *Almanak Caralhal* (1860), cujo um dos propósitos era justamente transgredir aquilo que era tido como norma, seja no que concerne à literatura e publicações populares, caso do *Almanaque...*, seja nas relações eróticas.

Porém, é nas *Memórias...* que Mendonça de fato se pronuncia sobre a literatura de AA. Sua crítica se encontra na seção *Perfis literários em 1855*, na qual figura também Gonçalves Dias. Cabe pontuar que, da maneira como a seção é organizada e pelas palavras que o crítico utiliza para introduzi-la, dá-se a entender que ele não considera as letras brasileiras como uma literatura à parte. Afinal, ali se pretende mostrar o que determina “as feições da nossa literatura moderna” (MENDONÇA, 1855, p. 309).

Ao apresentar a poesia de G. Dias, a perspectiva crítica utilizada é da nacionalização literária. Amparando-se na autoridade de Herculano, Mendonça não hesita em elogiar o autor dos *Primeiros Cantos*, pontuando que, ao ler seus versos, “via-se desde logo que estávamos na América e no Brasil” (1855, p. 313), dando espaço a largas explanações sobre a cor local. Porém, o jornalista não deixa de ressaltar que “eram harmonias cantadas na mesma língua que nós falamos” (MENDONÇA, 1855, p. 313), afirmação que aproxima as duas tradições literárias.

Já na seção dedicada a Azevedo, esse ponto de vista se altera. Logo de início, é citada na sua quase integralidade a poesia “Lembrança de morrer”, fazendo-se também alusão a “Se eu morresse amanhã”. A partir delas, o crítico faz considerações biográficas acerca do desalento e do pressentimento da morte que acometeu o jovem poeta paulista. O escrito de Mendonça alonga-se nessas considerações e, quando se imagina que ele não transcenderá os elogios lamentosos à perda do promissor talento, ele faz uma consideração importante no que tange à poesia em si. Nelas, nota a divisão da *Lira...* em duas partes, uma dedicada às “inspirações do sentimento”.

Já a segunda,

revela plenamente a vasta instrução que possuía [AA], em tão curta idade. Conhecia todos os poetas modernos, e nas suas invenções, apesar de incompletas, denuncia-se a próxima lição dos autores ingleses — desde Shakespeare até Byron. Era um poeta deste século, percebendo a fundo as suas aspirações e tendências. A sua musa graciosa e fácil, verte o humour numa versificação descuidosa e desleixada. Nos *Boêmios, auto (sic) de uma comédia não escrita*, há vivacidade e movimento, qualidades dramáticas, estilo ligeiro e solto, ironia fina e penetrante (MENDONÇA, 1855, p. 320).

À luz desse comentário, que se centra justamente numa peça cujos protagonistas zombam de todas as instituições sociais, nota-se que Mendonça compreende e valoriza a dualidade sob a qual se configura *Lira...* A inovação não se apresenta apenas

na temática, mas na linguagem desse segundo momento, tão prosaica quanto o assunto apresentado pelo poema. Esse *desleixo* da linguagem poética é, assim, bem-vindo, pois ele não tem que ver com a nacionalização da língua literária e sim, com a libertação formal romântica.

Porém, no parágrafo seguinte, o articulista retorna à sua linha de raciocínio anterior, fato evidenciado pela conjunção adversativa: “Mas quem não aplaudirá o seu esperançoso talento, nesta poesia que vamos citar inteira, em que a ternura da sua alma se une estreitamente ao vago sonhar de uma imaginação absorvida nas delícias do ideal” (1855, p. 320). Passe-se, então a já mencionada “Sonhando”, que reúne os tons mais comuns da lírica sentimental, apoiadas nas tópicas românticas, como se pode notar a partir de sua primeira estrofe:

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão pálida... ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoco nos lábios os hálitos meus!
 Não corras na areia,
 Não corras assim!
 Donzela, onde vais?
 Tem pena de mim!(AZEVEDO, 2002, p. 55).

Certamente, a retórica utilizada pelo crítico para a introdução de “Sonhando” aponta para sua plena aceitação pelo gosto médio da época, sugerindo, talvez, que as afrontas morais de Puff, um dos protago-

nistas de “Boêmios”, possam ser consideradas como exceção de um canto em sua maioria sublime.

Vê-se que em nenhum momento o crítico resvala no apelo à cor local, nem reclama sua ausência. Porém, à título de conclusão de suas apreciações sobre os dois poetas brasileiros, Mendonça vale-se da homogeneidade linguística para alocá-los no panteão das glórias literárias lusas. Sem negar, todavia, a necessária emancipação política, afirma que os portugueses não podem “deixar de ter orgulho ao ver a nossa língua, acordando maviosamente os ecos daquelas ridentes campinas, e daquelas copadas florestas: se nos faltassem outros estímulos de fraternidade, bastava esta inevitável comunhão das letras” (MENDONÇA, 1855, 324).

Três anos depois, Mendonça retoma a análise da poesia de Azevedo e, dessa vez, nem mesmo a questão da homogeneidade linguística é retomada, fazendo crer que ela havia sido aludida nas *Memórias...* devido à avaliação concomitante da poesia gonçalvina. Ao que me conste, o artigo estampado no *Arquivo Pitoresco* é o mais extenso dedicado a Azevedo no contexto do cerne do Romantismo luso. Depois dele, apenas o trabalho de António Xavier Rodrigues Cordeiro, publicado no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro para 1878* é mais aprofundado e, embora tal escrito tenha conservado critérios de análise românticos (CHAVES, 2015, p. 100), ele vem a lume já em 1878, quando o movimento romântico já estava

em declínio. Por isso, essa interpretação de Mendonça é importante, uma vez que ela pode ter delineado a forma como o poeta foi visto a partir daí e, inclusive, entre seus pares acadêmicos de Coimbra.

O artigo é dividido em quatro partes: a primeira se dedica exclusivamente à biografia do poeta e as demais, a facetas de sua poética. Apesar de, no geral, trazer mais elementos ao debate, o crítico ainda retoma as poesias “Lembrança de morrer” e “Se eu morresse amanhã”, além de arrolar versos de “Saudades” e “Virgem morta”, insistindo, assim, na ideia da previsão que o poeta teria feito de sua própria morte. Ressalto a base romântica de suas apreciações, que atribuem à sinceridade do cantor a qualidade de seus versos: “Aquela poesia rebenta-lhe do coração; não é um homem que diz meramente: eu sofro; é um homem que realmente sofre” (MENDONÇA, 1858, p. 78).

Na seção três, ao fazer menção à *Noite na Taverna*, chamada por ele de “romance fantástico” (1858, p. 78), Mendonça reproduz parte de um poema contido nesse livro, que retrata uma das variações do herói byroniano. Aí, encontramos a figura de um jovem de passado misterioso e que, descrente e desiludido com a vida, entrega-se à orgia, ansiando a morte, numa “dolorosa situação moral” (1858, p. 79):

Não me odeies, mulher, se no passado
Nódoa sombria desbotou-me a vida,
No vício ardente requeimando os lábios,
E de tudo descri com fronte erguida.

A másc'ra de Don Juan queimou-me o rosto
Na fria palidez do libertino:
Desbotou-me esse olhar, e os lábios frios
Ousam de maldizer do meu destino.

Sim! longas noites no fervor do jogo
Esperdicei febril e macilento,
E votei o porvir ao Deus do acaso,
E o amor profanei no esquecimento!

Murchei no escárnio as coroas do poeta
Na ironia da glória e dos amores
Aos vapores do vinho, à noite insano
Debrucei-me do jogo nos fervores!

A flor da mocidade profanei-a
Entre as águas lodosas do passado
No crânio a febre, a palidez nas faces
Só cria no sepulcro sossegado. (1858, pp. 78 e 79).

Se no artigo anterior Mendonça arrola elementos estilísticos que poderiam remeter a poesia alvaresiana ao byronismo, dessa vez ele identifica no poema a admiração do autor pelo Byron de *Lara*, do *Giaour*, do *Corsário* e do *Childe Harold* (1858, p. 79). Entrevê-se nesse rol de obras aquilo que Barboza chamará de o Byron-byroniano (1974, p. 18), das narrativas exóticas que se tornaram verdadeiros *best-sellers* no século XIX.

Por fim, a última seção do artigo traz uma faceta pouco associada ao mito byroniano construído em torno do autor de *Macário*. Nela, Mendonça dá a ler a poesia “Pedro Ivo”, cujo título faz menção ao herói da

Revolução Praieira (1848-1850), tida como uma das mais liberais do período, no Brasil. O texto é antecedido pelo seguinte parágrafo:

O poeta entretanto, nalguns dos seus discursos e trabalhos críticos que publicou, ia-se aproximando de outros horizontes, e numa das suas últimas poesias, talvez das mais belas, elevou a voz até ao trono, implorando a clemência do Imperador a favor de um revolucionário brasileiro (MENDONÇA, 1858, p. 79).

Nas duas ocasiões em que se dedica à análise da obra de AA, Mendonça, apesar de enfatizar os aspectos biográficos, atitude comum à crítica romântica, parece abrir algumas sendas ao entendimento dessa poesia. Num primeiro momento, ele destaca o caráter dual da *Lira...*, voltando-se para sua segunda parte, mais humorística e mais alinhada aos questionamentos da forma literária. Num segundo momento, apresenta tanto um Azevedo melancólico, como em “Lembrança de morrer”, ansioso pela “glória literária”, nas cartas pessoais, quanto um Azevedo mais próximo do homem fatal, à maneira do *lord* inglês. Além de identificar, por fim, uma poesia na qual avultam traços liberais no que tange à posição política do poeta, sugerindo uma mudança de horizontes estéticos e/ou políticos. A figura que daí emerge desprende-se, pelo seu próprio fazer poético, da problemática da nacionalização literária.

4. Nas pequenas folhas: a crítica acadêmica

A fim de mapear a presença de AA nos periódicos coimbrenses, considero não apenas comentários críticos, mas qualquer tipo de menção à obra do escritor. Ademais, torna-se pertinente explicitar que cheguei aos jornais *O Átila*, *Revista de Coimbra* e *Mosaico*,⁴ a partir da obra organizada por Manuel Alberto Carvalho Prata, intitulada *Imprensa estudantil de Coimbra* (2006), na qual são catalogados todos os jornais estudantis publicados no oitocentos coimbrão. O nome de AA aparece na lista de colaboradores desses três periódicos. Fiando-me, portanto, no levantamento de Prata, posso dizer que Azevedo aparece pouco, tendo em vista o universo de 144 periódicos, sendo 122 publicados depois de 1853. Portanto, sem pretender que esses limitados exemplos esgotem a questão, mas iniciem seu debate, passo a examiná-los.

Segundo Prata, essas publicações

constituem lugares privilegiados de produção e divulgação de cultura. É através destes espaços que mais facilmente se captam as ideias, se referenciam as adesões e as críticas, se identificam as repulsas, se conhecem as tendências da arte, os movimentos literários e científicos, as simpatias e as opções políticas, numa palavra, a cultura de uma comunidade (2006, p. 13).

4 Desse conjunto, apenas *Revista de Coimbra* tem todos os seus exemplares disponíveis na hemeroteca digital da BNP. Para os demais, servi-me de fotografias feitas pessoalmente.

Além disso, e mais importante, “diferentes das publicações acadêmicas, que, normalmente, são feitas e dirigidas por professores, lançadas e subsidiadas por escolas e instituições, as estudantis situam-se, na maior parte dos casos, em campos distintos e até opostos” (2006, p. 13). Considerando essas pontuações, parto da hipótese de que a crítica dos acadêmicos de Coimbra sobre AA pudesse divergir, em algum aspecto, daquilo que foi até aqui debatido.

No que tange à linha editorial, as três revistas obedecem ao modelo científico, acadêmico e literário, o que nos remete ao estudo realizado por Garmes (2006) acerca do periodismo acadêmico na Faculdade de Direito de São Paulo, para além de outros possíveis pontos de contato. *O Átila* e *Revista de Coimbra* têm como objetivo central a divulgação literária, apresentando, de forma seriada, produções de autores portugueses e brasileiros, já *Mosaico* aventura-se por uma seara mais ampla, estampando artigos sobre educação, arquitetura etc.

Dentre elas, *O Átila* é a única que demonstra uma preocupação explícita em dar a conhecer ao seu público leitor os poetas do Brasil, dos quais, segundo o redator, às vezes não se saberia nem os nomes. Para reverter essa situação, segue-se, neste número 2, um poema de Junqueira Freire, alcunhado “o poeta do claustro e dos túmulos” (1863, p. 1). Além dele, são publicados dois cantos d’*A confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães. Esse dito desconheci-

mento não parece alcançar a figura de AA, pois, no n. 1, no qual aparece a primeira menção a ele, não se estampa especificamente um poema, mas remete-se à sua produção poética como um todo para compreensão de um poeta português chamado Teixeira Coelho.

Diz o redator:

Teixeira Coelho, o esperançoso escritor que a morte ceifou na flor de sua idade, ainda não há um ano, entre os seus escritos deixou alguns fragmentos — páginas íntimas — que como modelos de estilo e sentimento nós iremos publicando no *Átila*. A quem leu as páginas admiráveis de Álvares d’Azevedo, roubado à glória das letras brasileiras tão moço, saltarão aos olhos os pontos de contato que se dão entre Teixeira Coelho e o grande poeta da América (n. 1, 1863, p. 6).

Quais seriam esses pontos de contato? Observa-se que o termo *fragmento* aparece apostroado à maioria das contribuições de Coelho, que se espalham na coleção do periódico. Teria ele optado pela estética do fragmento, sugerindo a incompletude da forma, a inspiração? Uma resposta afirmativa significa dizer que os acadêmicos reconheciam em Azevedo essa estética. Ou se trata de fragmentos porque o autor não teve tempo de organizar sua publicação em volume devido a uma morte prematura, tal qual o próprio autor da *Lira...*? A leitura dos trechos publicados talvez sugira a segunda opção.

Num outro fragmento de Teixeira Coelho, intitulado “A mulher?”, encontra-se uma tentativa de defini-

ção do que seria a figura feminina por meio do embate de contrários, temática cara à mentalidade do tempo, na sua obsessão de definição da natureza feminina. Nesse texto, eu concluí que a mulher seria “um verme desprezível”: “Que podes tu meditar? Horrores, e crimes! Que te desenha? Que te representa? A volubilidade estúpida d’um espírito acanhado! Que és, mulher? Um verme desprezível!” (n. 4, 1863, p. 26).

É possível, então, dizer que a poesia de Azevedo estaria associada ao embate dos contrários, com vistas à representação mais completa e profunda da natureza humana. Porém, logo na sequência desse texto de Coelho, encontramos “Anjos do mar” e, no sexto número, o soneto “Pálida, à luz da lâmpada sombria”, ambos da primeira parte da *Lira...* À luz desses poemas, os pontos de contato não parecem residir nem num aspecto temático que se poderia aproximar à manifestação do byronismo, do desalento de viver, de um certo cinismo em relação às normas da vida, que norteia boa parte das reflexões em prosa de Coelho, nem numa discussão formal em torno da ideia de incompletude da forma. É quase possível identificar a dualidade da obra alvaesiana quando se considera sua comparação com a poética de Coelho e os poemas da *Lira...* que são aí estampados.

Essa compreensão mais abrangente das camadas do livro seja talvez devida ao redator chefe do periódico, Rodrigo Veloso que, ao longo de sua trajetória, demonstrou interesse pelas letras brasileiras

as quais, como fica sutilmente entrevisto na citação acima, compreendia como uma entidade separada da literatura portuguesa. Sabe-se que ele levou a cabo a publicação de uma segunda edição d'*A confederação dos tamoios*, que saiu pela Imprensa literária de Coimbra, indo, assim, muito além da publicação de alguns cantos n'*O Átila* (PALMA, s/d, p. 3 e 4).

Quanto ao espírito da publicação, pode-se pensar que ela guarda alguma relação com os interesses gerais de Azevedo, tanto literários quanto críticos. Ao longo de quase toda a coleção, Veloso dá a lume uma narrativa de sua autoria, chamada "Cenas acadêmicas: proezas dum calouro", cujo protagonista, o jovem Tinoco, considerado um provinciano frente aos padrões dos acadêmicos de Coimbra, passa por uma série de peripécias. Em tom cômico, Tinoco tem contato com o teatro acadêmico, as paixões frustradas que lhe dão ideias suicidas, o contato com as sociedades maçônicas, enfim, todo um processo formativo que passa ao largo da sala de aula. Se essa obra tende mais à caricatura do estudante do que a uma reflexão de cunho filosófico, que poderia aproximá-lo do *Marcário*, ambas remetem, de uma forma ampla, ao tipo do estudante oitocentista.

Um dos poucos artigos críticos estampados pel'*O Átila* é uma tradução incompleta de um artigo do autor belga Émile de Laveleye, intitulado "Da origem e formação das epopeias nacionais". Nele, discute-se a formação das epopeias nacionais como criação e he-

rança coletiva, sem motivação individual de um único autor ou povo. A base dessa discussão é o estudo comparado das literaturas, amparado pela filologia, cujo um dos expoentes é Edgar Quinet, autor francês que trabalha a partir da perspectiva de historicização do gênero épico. O arcabouço teórico da filologia aplicado aos estudos de literatura também embasou, mais de dez anos antes, as reflexões críticas feitas por Azevedo em seus ensaios literários, demonstrando a importância que essas teorias tinham no meio acadêmico português e brasileiro, ambos influenciados pelo francês.⁵

Revista de Coimbra circulou apenas um ano depois do encerramento d'*O Átila*, entre 1865 e 1866, porém, nota-se nela outras questões estéticas que vão surgindo e apontando a Geração de 70 em Portugal. Entre os seus colaboradores encontram-se Antero de Quental e Teófilo Braga. O poeta brasileiro contribui com uma única poesia em um único número da coleção. Este texto divide a página com dois sonetos: um de Antero de Quental e outro de João de Deus (n. 2, 1865, p. 13). Essas duas composições tratam de um mesmo tema: o poema de Antero começa com “Fumo e cismo”, finalizando com “Beleza e altura se me vão em fumo”, poema que, em livro, aparece com o título

5 O artigo d'*O Átila*, além de ser de autoria francófona, cita estudos de E. Quinet, autor mais de uma vez mencionado por AA em seus ensaios literários, sobretudo quando o assunto é o gênero épico.

de “Velut umbra”. Já João de Deus lhe responde “Em fumo se vai tudo, amigo”.

Seria interessante que a reflexão sobre o fumo e a transitoriedade da vida fosse contrabalanceada pelos remos da série “Spleen e charutos”, da segunda parte da *Lira...*, por exemplo, caso do “Vagabundo” que personifica o terceiro poema desse conjunto:

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso! (AZEVEDO,
2002, p. 185).

Mas o fragmento de Azevedo que se dá a ler nessa página recebe o título de “A vida”: trata-se da primeira estrofe do poema “Ao meu amigo J. F. Moreira no dia do enterro de seu irmão”, cujos primeiros versos são “A vida é uma comédia sem sentido, / Uma história de sangue e de poeira” (n. 2, p. 13, 1866). Aliás, trata-se do mesmo poema que Braga acolherá em sua coletânea, sugerindo continuidades na recepção da poesia alvaresiana. O tempo parece mesmo não ser de risos, pois na seção *Crônica* desta publicação, dedicada ao comentário sobre os assuntos do momento, manifestam-se debatedores envolvidos naquilo que ficou conhecido como *Questão Coimbrã*, e que se posicionavam a favor da nova estética, apontando o romantismo centrado na figura de Castilho como um movimento encerrado.

Mosaico, última das revistas que mencionam e/ou publicam poemas de AA, circulou entre 1874 e 1875. Nela, o poeta aparece em dois momentos. No n. 2, sem qualquer tipo de comentário, é estampado o soneto “Pálida, à luz da lâmpada sombria”, apontando para persistência das correntes românticas ou o esgotamento de algumas delas e não de todas, como se poderia pensar a partir das posições assumidas pela *Revista de Coimbra*. Na verdade, trava-se uma espécie de luta prolongada entre o movimento anterior e as tendências que buscam se estabelecer, disputa esta que pode ser vista em suas mínimas gradações nas páginas dos periódicos da época.

Isso fica ainda mais perceptível nas resenhas publicadas no *Mosaico*, em que o articulista critica as obras em estilo romântico que ainda vinham a lume no corrente ano. Tal comentário aparece em texto subsequente ao soneto de Azevedo. Em sua análise do livro *No Minho*, impressões de viagem, de 1874, o redator considera indesculpável estar o autor “acorrentado ainda aos anacronismos de uma escola, cujos autores nos parece haverem dado tudo o que humanamente deles se podia esperar” (n. 2, 1874, p. 12), referindo-se à escola de Garrett e Tomás Ribeiro.

No entanto, o que mais me interessa destacar no que tange a AA encontra-se no n. 1, seção *Fatos*. A propósito de um concerto ocorrido no Teatro Acadêmico, o redator transcreve a terceira estrofe do poema “A harmonia”:

Ó Paganini! quando moribundo
Inda a rabeça ao peito comprimias,
Se o hálito de Deus, essa alma d'anjo
Que das fibras do peito cavernoso
Arquejava nas cordas entornando
Murmúrios d'esperança e de ventura,
Se a alma de teu viver roçou passando
Nalgum lábio sedento de poesia,
Numa alma de mulher adormecida,
Se algum seio tremeu ao concebê-lo...
Esse alento de vida e de futuro
- Foi o teu seio, Malibran divina! (AZEVEDO, 2002, p. 97).

Ele explica, em seguida:

Recordamos estes versos d'Álvares d'Azevedo, o famoso poeta de 20 anos, autor dos *Boêmios* e do *Spleen e Charutos*, na ocasião do concerto musical no Teatro Acadêmico. Sá de Noronha conseguiu-nos despertar Paganini, mas ai!, a sra. Gordosa nem de longe nos trouxe à lembrança a Malibran (n. 2, 1874, p. 8).

Esse curioso trecho reforça a popularidade de Azevedo entre os estudantes de Coimbra (e que parece não se materializar nos periódicos estudantis em termos de quantidade, ao menos a partir dos que foram por mim localizados até o momento), pois seus versos são lembrados nos acontecimentos da cotidianidade universitária, caso desse supostamente sofrível concerto no Teatro Acadêmico. Ademais, é interessante pontuar que aqui ele é apenas “o famoso poeta de 20 anos”, não é mais “um poeta brasileiro” ou “o grande

poeta da América”, o que indica que possivelmente a questão da nacionalidade literária não tinha tanta importância naquele período ou, por outro lado, não tinha tanto peso naquele ambiente. De todo modo, desde o início de minhas considerações, já se pode notar que os critérios nacionalistas, sobretudo os da cor local, não são reclamados no que tange ao autor de *Noite na taverna*, fato este que não se repete no Brasil, onde essa exigência é mais de uma vez feita, mesmo entre os estudantes de São Paulo (CANDIDO, 2006, p. 466).

Já o epíteto “autor dos *Boêmios* e do *Spleen e charutos*” sinaliza outra condição peculiar, uma vez que estes poemas, mais ousados temática e esteticamente, são mais de uma vez aludidos (o primeiro deles, ao menos), mas nunca veiculados, nem parcialmente. Nessas pequenas folhas aparecem “Anjos do mar”, “Pálida, à luz da lâmpada sombria”, “A harmonia” e “Ao meu amigo J. F. Moreira no dia do enterro de seu irmão”. À exceção dessa última, todas compõem a primeira parte da *Lira...*, convergindo duas delas para a recolha poética feita por Teófilo Braga em 1877.

Se nos exemplos localizados nas folhas acadêmicas não há comentário crítico propriamente dito, a seleção das poesias que deviam ir a lume representa uma escolha receptiva, uma interpretação. Certamente a hipótese seguinte precisa de mais elementos que a comprovem. Porém, parece-me que, nas folhas acadêmicas, a binomia de Azevedo se manifesta por

meio de uma vaga alusão ao mito byroniano, à vida desregrada, traços estes associados ao próprio autor na sua condição de jovem estudante. A binomia também se manifesta por meio da divulgação de poemas nos quais impera um discurso sublime, de transcendência, mesmo que eles não estejam isentos de tons melancólicos, avizinhandose da descrença, porta de entrada do satanismo romântico.

Essa suposta postura admite algumas explicações provenientes dos próprios interlocutores oitocentistas. Nesse sentido, vale lembrar que, em tom de ironia, Camilo agradece o fato de o byronismo não ter rendido frutos em Portugal, indo vicejar do outro lado do Atlântico (1927, p. 110). Já Teófilo explica essa não adesão ao byronismo graças à condição essencialmente católica de seu país (1869, p. 12). Por outro lado, ele não deixa de reconhecer que a “melancolia lamartiniana” também ecoou entre os poetas lusos, senão pela “imprecação da dúvida e do desespero”, pelo viés do “hino religioso” (BRAGA, 1869, p. 12).

Com efeito, quando se consulta as páginas d'*O Instituto: jornal científico e literário*, principal publicação docente de Coimbra, salta aos olhos a quantidade e a constância de traduções de Lamartine, apontando que a sua poesia se constituía como norma naquele grupo. Tanto é que, ao comentar, ainda na década de 1850, a produção d'*O trovador*, Lopes de Mendonça reprova seu teor essencialmente sentimental, chama-

do por ele, algumas vezes de “lamartiano”.⁶ Por fim, basta recordar que a primeira parte da *Lira...* começa com uma epígrafe de Lamartine, o que sugere que o eu lírico se colocará no terreno da elegia.

Portanto, o fato de os jornais acadêmicos de Coimbra aqui analisados escolherem, em geral, os poemas líricos sem dar relevo ao outro lado da “medalha de duas faces” da *Lira...* (2002, p. 139), demonstra os interesses do contexto de recepção, embora isso resulte numa baixa percepção da dimensão na qual o poeta brasileiro problematizou os códigos do romantismo, reforçando as convencionais notas lamartinianas de sua poesia. É possível, então, pensar que a imprensa acadêmica, apesar da hipótese anteriormente levantada, não extrapola aquilo que já havia sido escrito sobre Azevedo, recuando até do que já havia sido proposto por Mendonça, uma vez que não explora sua faceta byroniana. Paradoxalmente, talvez possa residir nesse ponto a sua autonomia, uma vez que resguarda

6 Nos *Ensaios de Crítica e Literatura* (1849), Mendonça já havia apontado aquilo que considerava uma limitação dos jovens poetas reunidos em torno da coletânea *O Trovador*. Em 1855, ele apresenta mais uma vez essa crítica, na mesma obra em que se dedica a fazer o perfil de Azevedo. Para o crítico, “o principal defeito d’*O Trovador*, a meu ver, é estar encerrado numa escala muito limitada de sentimentos individuais. [...] É o eterno tema do amor, assimilado às opulentas emanações do mundo exterior: panteísmo de sentimento, aonde a idealidade às vezes se perde, nas divagações da descrição material [...]. Não manifestamos uma acusação, manifestamos apenas um fato” (MENDONÇA, 1849, p. 175). O termo ‘lamartiano’ é utilizado sobretudo quando o crítico se refere à lírica de José Feire (MENDONÇA, 1849, pp. 53 e 54).

os valores e interesses próprios daquela comunidade, a despeito do que se discute na grande imprensa.

Seja como for, não deixa de ser interessante ver as poesias de AA circulando num contexto que guarda relações com o do próprio autor (o espírito de grupo, as querelas estudantis, a poesia sentimental, a boemia), o que me leva a querer complementar a afirmação de Silvio Romero (1888, p. 26) de que Azevedo era amado pelos estudantes brasileiros e portugueses.

Referências

- ALENCAR, José de. Pós-Escrito. In: ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951, v. VIII. p. 183-205.
- ÁTILA, O. 14 vols. Coimbra: Imprensa literária, dez/1863 a mar/1864.
- AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas*. Edição crítica de Péricles Eugênio da Silva Ramos/Organização de Iumna Maria Simon. Campinas: Ed. da Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- BARBOZA, Onédia Célia de Carvalho. *Byron no Brasil: traduções*. São Paulo: Ática, 1975.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros*. vols. 1 e 2. Porto: Livraria Chardron, 1927.
- BRANCO, Camilo Castelo. Literatura brasileira. *Noites de insônia oferecidas a quem não pode dormir*. Livraria internacional de Ernesto Chardron / Porto, Braga, v. 4, pp. 50-53, 1874.
- BRAGA, Teófilo. *História da poesia moderna em Portugal*. Porto: Tipografia da livraria nacional, 1869.
- BRAGA, Teófilo. *Parnaso português moderno*. Lisboa: Francisco Arthur da Silva editor, 1877.
- CAMILO, Vagner. Álvares de Azevedo, o Fausto e o mito romântico do adolescente no contexto político-estudantil do segundo reinado. *Itinerários*, Araraquara, n. 33, p. 61- 108, jul./dez. 2011.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CHAGAS, Pinheiro. Letras e Artes. *Anuário do Arquivo Pitorresco*. Lisboa, n. 25, p. 198, 1866.
- CHAVES, Vânia Pinheiro. Gonçalves Dias e Alvares de Azevedo: dois perfis românticos em destaque no Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro. In: SANTOS, Gilda

da Conceição (org.). *O Real em revista: impressos luso-brasileiros oitocentistas*. Rio de Janeiro, 2015, pp. 87-103.

CUROPOS, Fernando. Contra os queers, marchar, marchar! *Via Atlântica / USP*, São Paulo, n. 33, pp. 135-149, 2018.

FRANÇA, Eduardo Melo. A recepção de Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Junqueira Freire em Portugal no século XIX. *Todas as letras X*, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 110-122, 2014.

GARMES, Hélder. *O Romantismo Paulista: Os Ensaios Literários e o periodismo acadêmico de 1833 a 1860*. São Paulo: Alameda, 2006.

NOVAES, Francisco Xavier de. Correspondência do Brasil. *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil*, Lisboa, v. 3, pp. 320-323, 1861.

MENDONÇA, A. P. Lopes de. *Ensaaios de crítica e literatura*. Lisboa: Tipografia da Revolução de Setembro, 1849.

MENDONÇA, A. P. Manuel Antônio Álvares de Azevedo: poeta brasileiro. *Arquivo Pitoresco: Semanário Ilustrado*, Lisboa: Tipografia de Castro, Irmão & Cia., v. 2, n. 10, p. 77-79, 1858.

MENDONÇA, A. P. *Memórias de literatura contemporânea*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1855.

MENDONÇA, A. P. Um poeta brasileiro. *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*. Lisboa: Tipografia universal, pp. 297-298, 1855.

MOREIRA, Maria Eunice. Nossos homens em Lisboa: a literatura brasileira em fontes brasileiras no século XIX. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, pp. 21-33, 2004.

MOREIRA, Maria Eunice. Três românticos brasileiros e a crítica portuguesa no século XIX. *Revista Miscelânea / UNESP/ Assis*, v. 14, p.69-79, jul-dez. 2013.

MOSAICO. folha quinzenal, literária e científica. 10 vols. Coimbra: Imprensa acadêmica, dez/1874 a abril/1875.

PALMA, Patrícia de Jesus. *O mercado do livro brasileiro em Portugal: o contributo de Ernesto Chardron*. pp. 1-19, s/d. Disponível em: <https://www.academia.edu/27952840/O_mercado_do_livro_brasileiro_em_Por

[tugal_o_contributo_do_editor_Ernesto_Chardron](#)>. Acesso em: 21/05/2020.

PRATA, Manuel Alberto Carvalho. *Imprensa estudantil de Coimbra*: repertório analítico (século XIX). vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006.

REVISTA DE COIMBRA: folha quinzenal. 9 vols. Coimbra: Imprensa Universitária, dez/1865 a abril/1866.

RIBEIRO, Maria Aparecida. Os panoramas brasileiros d'O Panorama. *Navegações / PUCRS*, v. 4, n. 2, p. 208-213, jul./dez. 2011.

ROMERO, Sílvio [1888]. Álvares de Azevedo. In AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Tomo 5. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 357-358, 1860.

TENGARRINHA, José Manuel. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1989.